

PERSONALIDADE/**Dança**

A mulher que subverteu os movimentos do corpo

Há 50 anos a mestre em expressão corporal Maria Duschenes divulga no Brasil os seus conhecimentos de dança moderna num trabalho pioneiro que pode ser conferido na próxima Bienal

Ana Francisca Ponzio

Faz 50 anos que Maria Duschenes difunde no Brasil o que aprendeu durante sua privilegiada formação, realizada entre os mestres da dança moderna européia, como Emile Jacques-Dalcroze, Rudolf Von Laban e Kurt Joos. Depois de influenciar uma geração de bailarinos, coreógrafos e atores brasileiros (como Lala Deheinzeln, J.C.Violla, Juliana Carneiro da Cunha) e tentar introduzir a dança nos currículos escolares, ela continua tão confiante nos resultados de seu trabalho, como se estivesse começando agora. "Acho que consegui implantar certos conhecimentos, e já existe um grupo de pessoas levando adiante o que ensinei", diz. Muito respeitada entre os artistas da dança e do teatro (embora fora desses meios seja quase desconhecida), Maria Duschenes — ou dona Maria, como é chamada por alunos e assistentes — deverá atrair maiores e merecidas atenções neste ano, durante a 21ª Bienal Internacional de São Paulo, quando apresentará, com ex-alunas, um espetáculo inspirado nas danças corais lançadas por Laban no começo do século.

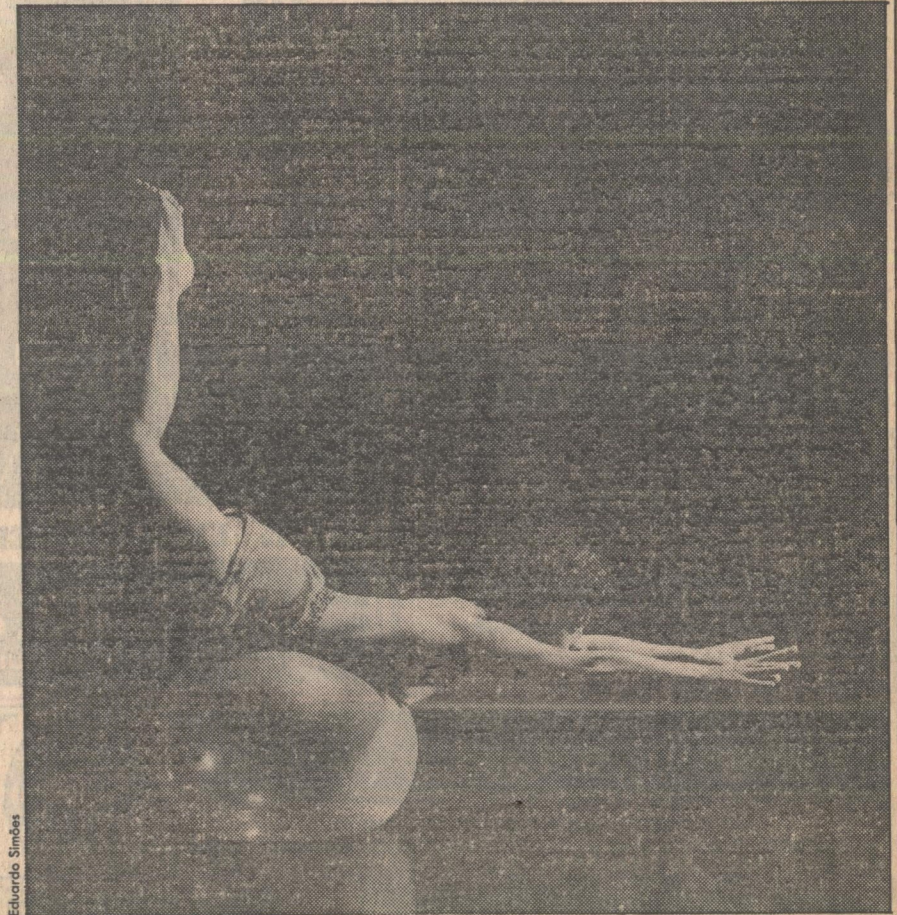
Húngara de Budapeste, Maria Duschenes veio para o Brasil logo depois que sua família, fugindo da Segunda Guerra Mundial, aqui instalou uma fábrica de artefatos de borracha. Com a mudança de país, ela deixou de frequentar o centro de artes de Dartington Hall, na zona rural da Inglaterra, onde conviveu com Laban e Kurt Joos. Nesse lugar — um antigo castelo construído por Henrique VIII para Ana Bolena — artistas, professores e alunos se reuniam para cultivar a dança como expressão total. Desenvolvendo as mais variadas atividades, da criação coreográfica à agricultura, a comunidade se inspirava nas pesquisas de Laban, que procurava redescobrir a dança através dos movimentos cotidianos. Segundo ele, ao executar qualquer tarefa, o ser humano exprime nos gestos algo a respeito de si mesmo.

Estimulando danças comunitárias ao ar livre, entre camponeses ou operários (adultos e crianças), Laban estudou a expressão corporal das pessoas de acordo com as circunstâncias e o meio em que viviam. A partir daí, criou um método para análise do gestual humano, aplicável não só à dança e ao teatro, mas também à pedagogia, psicoterapia e antropologia. Ao mesmo tempo, desenvolveu o labanotation, um sistema de notação que permite registrar e "escrever" coreografias. As idéias e experiências de Laban ainda dariam origem à dança expressionista alemã, decodificada por artistas como Mary Wigman, Kurt Joos e mais recentemente por expoentes como Susanne Linke e Pina Bausch.

Na prática, Laban e seus conhecimentos eram uma grande novidade no Brasil até a chegada de Maria Duschenes em 1940. Entusiasmada com a espontaneidade gestual dos brasileiros e com a riqueza de nossas manifestações populares — "Eu me encantava tanto com o carnaval como com as brincadeiras em volta das fogueiras" —, Duschenes começou a desenvolver coreografias e cursos fundamentados no Método Laban. "O primeiro trabalho que realizei foi com alunos do curso primário do Mackenzie, no começo dos anos 40", ela lembra. "Era uma dança sem movimentos fixos, baseada em improvisações, que fez muito sucesso. Daí em diante, não parei mais". Procurada por bailarinos, coreógrafos, atores, músicos, professores e psiquiatras, Duschenes começou a ensinar que a consciência do próprio corpo e de sua capacidade de expressão resulta em autoconhecimento e, por consequência, em maior criatividade (princípios depois adotados e desenvolvidos por artistas como Klauss Vianna). Por essa



Maria Duschenes, mestra respeitada por uma geração de atores e bailarinos



Atriz Lala Deheinzeln (à direita) e a bailarina e coreógrafa Cristina Brandini (acima), duas expressões de um movimento corporal lapidado por Maria Duschenes



Dança coral inspirada em Laban, realizada no ano passado no Teatro Municipal

Depoimento

A expressão que venceu o espelho

Lala Deheinzeln

Especial para o Estado

Conheci Maria Duschenes através de Cristina Brandini. Foi talvez a coisa mais importante da minha vida e determinou todo o meu caminho. Sempre fui fascinada pelo movimento. A essa forma de expressão resolvi me dedicar, pois expressão leva à transformação. Resolvi dançar. Que problema! Alta demais, gorda demais, pés grandes, pernas tortas, peregrinando por aulas e técnicas. Querendo entender o universo e acabando na frente de um espelho tentando (em vão) copiar passos. Já tinha desistido quando encontrei a mestra e, através dela, os instrumentos para compreensão desse movimento.

Dona Maria trouxe para o Brasil o trabalho de Rudolf Laban e sua codificação da Teoria do Movimento. Com ela estudaram psicólogos, educadores, artistas plásticos, atores, bailarinos, porque o campo de aplicação do que ela nos ensinou é enorme. O que ela nos transmitiu é precioso: uma base para ser desenvolvida a vida inteira. Comigo foi assim. Da criação de Clara Crocodilo, ou dos Intermezzos de O Doente Imaginário à composição de personagens como a Cecília, da novela Vale Tudo. Do trabalho com educação à organização de eventos, tudo que fiz foi a partir do que aprendi com os mestres. Klauss Vianna é outro mestre. Posso citá-lo, porque ele e dona Maria têm muito em comum. Ambos estão por trás de boa parte da produção cultural contemporânea. São apaixonados pelo que fazem, ousam e arriscam e por isso são até hoje vanguarda. Pergunto-me se a minha geração aprendeu essa coragem.



Discípulas

Borges e bolas na dança da Bienal

Além de Maria Duschenes, o Brasil estará representado na programação de dança da 21ª Bienal Internacional de São Paulo por mais duas artistas: Cristina Brandini e Emilie Chamie. Ex-aluna de Duschenes e atualmente pesquisando as aplicações da eutonia à dança, Cristina Brandini utilizará bolas plásticas de vários tamanhos, para mostrar a

relação entre o corpo humano e os objetos que o cercam. As apresentações devem ocorrer em uma instalação integrada à exposição de artes plásticas — um espaço que pretende explorar várias perspectivas da performance da bailarina (denominada *Equilíbrios*), através da utilização de fotografias de Eduardo Simões e transmissão de vídeos de Fernando Ekman.

Mais uma vez utilizando a dança como forma de expressão, a artista plástica Emilie Chamie está disposta a repetir o sucesso do espetáculo *Bolero*, que criou em 1982 para o Balé da Cidade de São Paulo. Na Bienal deste ano, ela apresentará *Borges às Vezes*, inspirado no universo do escritor Jorge Luis Borges. Interpretado por um grupo de bailarinos — Val Folly, Wilson Aguiar, Maurício Ferrazza e, a confirmar, Mariana Muniz —, desenvolve-se em um espaço em forma de labirinto, que rompe com a relação habitual entre palco e plateia. A trilha sonora, ainda em elaboração, terá como motivo condutor as milongas escritas por Borges. "Será um espetáculo de dança com estrutura teatral, cujo roteiro e direção refletem o realismo fantástico do escritor", diz a autora.